

O OUTRO CORPO

Ingrid de Figueiredo (Fröken) e o desenvolvimento da educação física feminina em Portugal (1938-1981)

Manuela Hasse

Resumo A introdução da ginástica sueca feminina em Portugal, nos finais da década de 1930, está directamente ligada à contratação da Professora Ingrid Ryberg, pelo Estado português, para responsável do sector da Educação Física Feminina da Mocidade Portuguesa Feminina e, desde 1940, como docente do Instituto Nacional de Educação Física. O interesse manifestado pelo Estado Novo em relação à ginástica feminina derivava de finalidades políticas que pretendiam promover a regeneração da raça e a higiene, e visavam a fomentação da ideia e de valores da nação.

Palavras-chave Corpo, ginástica feminina, nação.

Introdução

Aos vinte e oito dias do mês de Julho de 1938 efectuava-se, no Consulado de Portugal em Estocolmo, o contrato estabelecido pelo Estado português de D. Ingrid Ryberg, de nacionalidade sueca, recém-formada professora de educação física no Real Instituto da mesma cidade. Este facto, preparado com precaução — tendo em vista as responsabilidades que implicava — sublinhava a importância atribuída pelos principais responsáveis nacionais quanto à necessidade de proceder a uma autêntica valorização feminina, ao fortalecimento de corpos, à criação de hábitos de iniciativa e de actividade, uma verdadeira preparação da mulher portuguesa para as tarefas da construção do futuro. A iniciativa justificava-se diante de expectativas que se definiam de acordo com medidas mais alargadas de mudança e que se definiam, também, em relação à participação da mulher em um tempo, em uma sociedade, que se desejava de regeneração e de transformação de atitudes marcadas, acima de tudo, pela ausência de intervenção, de hábitos propícios ao desenvolvimento de corpos, de atitudes e de comportamentos mais adequados às exigências sentidas.

A contratação de Ingrid Ryberg tinha como objectivo imediato a sua actividade nos quadros da Mocidade Portuguesa Feminina. Contudo, neste acto configurava-se, ainda, a participação da referida Professora na colaboração e integração da futura instituição destinada à formação de professores de Educação Física em Portugal, o Instituto Nacional de Educação Física. Deste modo, colocava-se um termo

à dispersão que existira, até esse momento, na formação de formadores de educação física. Ao mesmo tempo, com a criação desta instituição, consolidava-se a possibilidade de formar, com igual exigência de qualidade e de rigor, técnicos, científicos e pedagógicos, um grupo de jovens de ambos os sexos destinados ao ensino e à generalização dos benefícios da Educação Física.

As medidas tomadas inseriam-se, com efeito, num vasto plano de transformação nacional. Onde ressaltava a preocupação quanto ao desenvolvimento de uma sociedade a partir de uma juventude afastada na generalidade do país, de uma prática favorável à construção de corpos e de personalidades preparados para o futuro. Uma situação em que se destacava um conjunto de ideias e de resistências quanto ao papel da mulher na sociedade portuguesa. E, também, a profunda necessidade de, sem introduzir alterações demasiado acentuadas e súbitas, permitir, no entanto, a definição de medidas através das quais se estabelecessem, com suavidade, vigilância e eficácia, linhas bem definidas de uma transformação bem conduzida. A criação da Mocidade Portuguesa Feminina inscrevia-se com toda a clareza no quadro destas preocupações. Enquanto favorecia a possibilidade de formação de uma consciência nacional procurada por um Estado desejoso de garantir o empenhamento e a dedicação de todos os seus membros e, em especial, dos mais jovens. A escolha do método sueco, pela eficácia das bases científicas em que assentava e a disciplina promovida, apresentava-se como a mais acertada.

Se as preocupações doutrinárias eram claras, as preocupações reveladas quanto ao corpo feminino e as suas debilidades — quer em termos funcionais, que comprometiam as futuras gerações, quer em termos sociais, pela fraqueza e desinteresse que parecia existir quanto ao esforço físico e variadas actividades que implicassem vigor e determinação —, não deixavam de ser, de igual modo, elucidativas. A prática feminina da ginástica, de jogos e de desportos limitara-se, até essa data, em grande medida, a grupos restritos das camadas privilegiadas da sociedade portuguesa. A elevada natalidade persistia, do mesmo modo que a mortalidade infantil, a dificuldade de estender os benefícios dos dispensários e cuidados de saúde materno-infantis a todas as mulheres e, em particular, às mulheres das regiões do interior, afastadas geográfica e culturalmente de um apoio válido. O abatimento denunciado não podia esconder uma situação que urgia alterar, por forma a contrariar tendências assinaladas desde os finais do século XIX e às quais a experiência da ginástica e de uma verdadeira educação física permitia opor uma transformação positiva, desde que promovida a partir de idades mais baixas.

O Guia para o Ensino da Ginástica nas Escólas do Sexo Feminino, (1883) obra de Paulo Lauret, antigo aluno da Casa Pia de Lisboa e professor de renome nacional, acompanhava, com a aplicação de princípios e de exercícios considerados adequados, as preocupações formuladas por muitos médicos. Contudo, é uma das raras obras realizadas com esta finalidade expressa. A intervenção da professora Judith Furtado Coelho, ou de Maria Helena Campos Borges, apontada como a primeira professora de Educação Física portuguesa formada pelo estabelecimento de Estocolmo, permaneciam longe dos objectivos procurados.

A participação de Ingrid Ryberg de Figueiredo assinala-se na definição exigente de projectos regulares de trabalho na Mocidade Portuguesa Feminina, desde

o seu início até quase à sua extinção, na elaboração cuidada de programas nacionais de Educação Física a nível das escolas, na participação efectuada na construção de planos de estudo e de programas para o Instituto Nacional de Educação Física, de artigos escritos no Boletim do INEF onde procura, de modo simples, divulgar os princípios e a forma de trabalho a adoptar por cada profissional no confronto diário nos campos de jogos e nos ginásios nacionais. De facto, é através de uma actividade que se estendia a todo o país, a qual durante 40 anos se edifica na lei, nas múltiplas actividades desenvolvidas no quadro da MPF e nas escolas que, a par doutras medidas, se elabora a introdução da Educação Física das jovens.

A participação nas aulas de educação física, nas escolas públicas e privadas, favorece um contacto da jovem com os limites e as capacidades do seu próprio corpo, da sua própria personalidade. A realização de um conjunto amplo e diversificado de actividades, que contrariavam a referida monotonia do método sueco, de utilização duvidosa por parte de quantos ignoravam, de facto, os seus princípios elementares, transformava a regularidade dos ginásios em situações propícias à aprendizagem de noções, de regras, de posições, de movimentos, de ritmos, de espaços e de verdadeiros lugares do corpo desconhecidos para muitas das jovens que contactavam com as actividades propostas. Actividades em que se procurava um encadeamento preciso, alternado, ritmado, e pelas quais se consolidavam as possibilidades de transformação de corpos definidos em um corpo autónomo, voluntário, preparado para enfrentar qualquer adversidade, disposto para a vida, afinal, um verdadeiro corpo de mulher, o outro corpo, objecto do trabalho a desenvolver.

O problema

De um modo geral, refere-se que a escolha do método sueco de ginástica é baseada no facto de este ter sido o único método de ginástica assente no conhecimento da anatomia e da fisiologia, entenda-se no conhecimento científico, razão suficiente — diante do controlo dos movimentos aplicados e dos efeitos observados — para justificar a sua adopção oficial em Portugal. Na prática, a sua introdução eficaz só se concretizaria em 1938/40. Contudo, é legítimo admitir que outros factores poderiam ter sido igualmente considerados na opção efectuada. Factores presentes, por exemplo, também, no método alemão de ginástica, embora demasiado pronunciados e sem qualquer sustentação num tipo de conhecimento que se desejava científico. Referimo-nos às implicações existentes entre o desenvolvimento dos diferentes métodos de ginástica e o desenvolvimento da ideia de nação.

A valorização dos processos de fortalecimento do corpo através do exercício físico, isto é, dos diferentes métodos de ginástica e dos desportos, verificava-se num século marcado pela ideia de nação, pela acentuada busca de definição do carácter nacional, pela construção política do nacionalismo e pela possibilidade de concretizar a regeneração e a recuperação do vigor perdido das diferentes nações

européias. Se o método alemão, em especial, difundido (assim como o francês) desde o século XIX em Portugal, se encontrava marcado por uma visão do mundo que vincava, acima de tudo, a presença e a força das energias mais profundas da nação, o método de ginástica sueco é construído e apoiado pelo Estado sueco no sentido da sua utilização como um meio fundamental de regeneração dos corpos desde as idades mais baixas, segundo um método graduado e consistente, um instrumento de afirmação das capacidades de revigoração do povo sueco, uma forma de despertar do passado e dos valores mais genuínos, e mais profundamente arreigados, da cultura sueca. Representava, pois, um instrumento valioso na consolidação de uma ideia sobre a qual se reforçavam as expectativas do Estado, se cimentavam as possibilidades da vida social em torno de algo sentido como importante, comum.

Nesta perspectiva, se a justificação assente no valor científico deste método correspondia a uma prática eficiente, a ideia de regeneração física e moral, que a ele se encontrava associado e é, aliás, geralmente sublinhada pelos seus defensores, era vincada — em Portugal — a cada passo (Hasse, 1999), pela necessidade sentida e expressa de recuperação de energias perdidas que urgia fortalecer, energias físicas e psíquicas que caracterizavam e distinguiam os povos. Daí, aliás, a constante referência aos antepassados valorosos portugueses, a utilização do conto-Lição, a importância dada ao passado, em particular, pelos professores militares que elaboraram e publicaram múltiplas obras oficiais, didácticas e metodológicas, sobre a matéria da educação física do povo português, a ginástica higiénica e pedagógica.

Com efeito, para estes, a ideia de nação não poderia estar desligada de uma regeneração a que se aspirava e que era conduzida pelos grupos dominantes (os militares, os políticos, os intelectuais, a Igreja). Esta ideia era baseada mais nos feitos heróicos do passado, nas proezas militares, na coragem demonstrada, na grandeza alcançada a salvar. A língua, o território e a história, sobre as quais se forjava a ideia de nação, encontravam-se presentes na lição de ginástica através das imagens que a saturavam de significado, que a tornavam fundamental na formação dos mais novos.

A cultura, no entanto, constituía um outro factor inerente à ideia de nação, in- seria uma outra densidade, uma teia sensível, criava lugar, inscrevia e favorecia, a dinamização de outra visão do mundo (Poole, 1999). A cultura é um conceito recente, do século XIX, período em que se delineavam perspectivas de consolidação dos Estados e, ainda, do esboçar do nacionalismo. A noção de cultura, assente num modo de viver secular, comunitário, construído na elaboração silenciosa de escolhas feitas colectivamente, escolhas efectuadas de forma implícita, quantas vezes inconsciente, encarada como um valor superior, pelo menos na Alemanha, e utilizada em reacção ao conceito de civilização, relativo, entendia-se, a uma perspectiva da vida social demasiado materialista, estéril e superficial.

A ideia de cultura, pelo contrário, encontrava-se enraizada em formas específicas de vida, na tradição, nas histórias. Isto é, aberta à intervenção de todos os sentidos, da poesia, da mitologia e das tradições orais. Esta perspectiva encontrava-se presente na ginástica sueca, em especial, na ginástica designada pedagógica, e na ginástica estética, ou seja, feminina. Na linha considerada, a ginástica feminina integrava, no respeito pelos princípios fundamentais do método sueco, e nos

exercícios aplicados de acordo com a sistematização realizada por Per Henrik Ling e os seus sucessores, os jogos, a dança, o ritmo. Isto é, formas correntes do viver comum, práticas singulares, acções inscritas em momentos particularmente significativos da vida colectiva, modos de viver elementares, fermentados nas crenças, nos ritos, na língua.

A ideia de nação adquiria, assim, uma outra tonalidade, simbólica, mais próxima do sentir colectivo, da sensibilidade, a dimensão oculta, cara a Edward T. Hall (1971), a mais adequada à transmissão, propícia à marca profunda, à preservação da cultura, do que é essencial à vivência de uma autêntica nação enquanto grupo distinto, diferenciado, construído ao longo de gerações a partir do vivido, tanto ou mais do que o pensado, do que é consciente, do que é explícito.

Enquanto objecto cultural, existe na língua e através da língua, como em cada código integrado, imagens e formas, por um lado, a dimensão exterior, pública, comum, e, ainda, no “processo pelo qual os indivíduos se tornam conhecedores de si próprios como tendo uma identidade social. A nossa cultura fornece um momento de auto-reconhecimento pelo qual nós tanto confirmamos a nossa existência individual como nos tornamos conscientes de nós próprios enquanto possuindo uma existência colectiva” (Hall, 1971), isto é, enquanto dimensão interior, integrada e integradora.

A estrangeira

Era do Norte, Skaraborg, Estocolmo, Suécia. Vinha do país da neve, do frio, e da penumbra, do silêncio, da poesia, lugar dos mitos, dos gnomos e dos gigantes, da magia, dos lagos e das florestas, das noites brancas. Tinha 22 anos. Alta, loura, forte, altiva, saudável e sã. O seu nome, Anna Ingrid Mathilde Ryberg.

Aos vinte e oito dias, do mês de Julho de 1938, era contratada, de forma significativa, pelo Instituto Para a Alta Cultura, na Chancelaria do Consulado de Portugal, em Estocolmo, sendo representante português o Tenente Celestino Bernardo Feliciano Marques Pereira, oficial do Exército. Deveria organizar, em Portugal, a formação das futuras instrutoras de educação física da Mocidade Portuguesa. Recém formada no Instituto Central e Real, seria uma colaboradora fundamental na constituição do curso de futuros professores do INEF, participaria com o Tenente Coronel António Leal de Oliveira na elaboração cuidadosa dos programas dos três anos de formação, na definição das condições indispensáveis nas provas de acesso. Ao mesmo tempo, aprende português. Apresenta-se sóbria, sorridente, de branco, única professora entre o grupo masculino de professores do INEF, a imagem inicial da fundação desta escola. Será regente das disciplinas de Ginástica (Teórica e Prática), Jogos e Iniciação Desportiva (Teórica e Prática), Danças Regionais, Prática Pedagógica e de Actividades de Ar Livre.

Discreta, segura, eficiente, organizada, incansável, de intervenção correcta e oportuna. Entre as suas alunas, em especial, a sua presença constituía uma marca

profissional, de qualidade rara, um modelo de actuação dentro e fora do ginásio. O acentuado sotaque, a sua forma de expressar a língua portuguesa, era apenas mais um elemento a acentuar a sua distinção.

A sua actuação profissional, ao longo de quarenta e três anos, permitiria verificar a qualidade de Anna Ingrid. A inteligência de mulher sueca, o seu intenso desejo de autonomia, a profunda curiosidade por tudo quanto se associava à beleza, ao conhecimento, à vida, aliados à vontade de viajar, o interesse em divulgar a ginástica de acordo com os princípios aprendidos no Instituto Central e Real, teriam sido elementos decisivos para a sua apresentação ao lugar a preencher em Portugal, o país das revoluções, como comentariam, com surpresa e apreensão, familiares confrontados com a sua decisão de partir para o Sul.

Na verdade, para a sociedade sueca, as impressões sobre Portugal não poderiam ser tranquilizadoras. No relatório efectuado por Leal de Oliveira, onde este registava o facto com profundo desagrado, é a visão de um mundo pouco avançado e pouco civilizado que um membro da nobreza e um jornalista suecos, de passagem por Portugal, em 1930, ofereciam no regresso à Suécia. Na descrição que fizeram e divulgaram do país e dos portugueses, em dois órgãos da imprensa, a revista "Jorden Rundt" e o diário "Dagens Nyeter" sublinhavam as tendências portuguesas para as revoltas e o absorvente interesse pela política e as constantes revoluções, a miséria, a ignorância, o analfabetismo, o abandono das crianças nas ruas de Lisboa, o hábito da população de "passar a vida nas ruas e nos cafés", o mau funcionamento dos Correios, a sujidade e o perigo das ruas de Lisboa, o regimento de analfabetos ao lado da biblioteca de Alcobaça, os soldados e as comemorações, traços em nada positivos, pelo que não se encontravam razões para o facto de o país se ter tornado independente de Espanha.

Sobre as mulheres e os homens portugueses, as impressões registadas não se desviavam do tom negativo geral. Observavam: "as mulheres portuguesas são ordinárias e desgraciosas e os homens ainda pior, *quasi* sempre sujos e deselegantes, mesmo os próprios oficiais." (referido em Oliveira, s. d.).

O comentário sobre a sociedade e os seus hábitos estava longe de ser favorável e tranquilizador (...). Perante a imagem de um país marcado pelo subdesenvolvimento e a pretensão, tornavam-se compreensíveis as manifestações apreensivas perante a escolha efectuada.

A vinda de Anna Ingrid efectuava-se ao abrigo do contrato de um ano de prestação de serviços na Mocidade Portuguesa Feminina, a partir do primeiro de Outubro de 1938. Nessa linha, a primeira condição definia com clareza o quadro em que se desenvolveria a sua intervenção: Ingrid Ryberg deveria adaptar-se ao sistema doutrinário da Mocidade Portuguesa Feminina pela aplicação da sua competência técnica aos ideais que orientam a educação da juventude portuguesa; deveria consagrar a sua actividade exclusivamente à Mocidade Portuguesa Feminina. Contudo, uma linha parecia considerar, desde logo, a possibilidade da sua integração em projectos oficiais ser de outra ordem, pois, ao mesmo tempo que se definia a condição de exclusividade, admitia-se em caso "de autorização especial que venha a ser-lhe concedida", poder vir a ser contratada, e a participar, em outras atribuições (Doc. 1938).

Nesta perspectiva, a sua actuação desenrolar-se-ia, no âmbito da MPF, entre uma atitude ciosa e vigilante da sua colaboração eficiente e os desejos patentes de não se despendar demasiado dos cordões do Estado. Apesar das condições expressas, de observância à doutrina da MPF, diante da sua independência natural, estas não constituiriam um entrave à escolha realizada. No entanto, a sua atitude em breve suscitaria algumas dificuldades, em especial, diante da mentalidade vigente. Como se verificaria, pouco depois, na ocasião em que um banho na praia do Estoril, com quatro das suas alunas do Curso de Instrutoras, *que não usavam o fato regulamentar para as filiadas da MPF*, desencadearia a única censura profissional registada. Uma carta, "para não incomodar V. Exa. com o pedido de me receber e porque não falo suficientemente bem o português para poder exprimir-me claramente" (Doc. 1938), contornava o primeiro embate com um modo de actuar conforme ao Regime. A forma como encarou a situação não esconde o incómodo, porém, destacava a sua inteligência, a minimização do facto, o distanciamento diante de atitudes demasiado mesquinhas. Contudo, a orientação de uma certa rede de relações tornava-se demasiado nítida para ser ignorada. O seu distanciamento das pequenas coisas, próprias de um certo modo de estar de uma parte da camada dominante da sociedade portuguesa, acentuava a sua independência, a sua escrupulosa correcção competente.

Entre as possibilidades de trabalho, considerava-se a sua colaboração na criação do INEF, não outras iniciativas de carácter particular, como se verificava, em Dezembro de 1938, na sequência do seu pedido de autorização para "aceitar alunas particulares em Ginástica a ministrar no Ginásio da Sociedade de Geografia de Lisboa, sociedade científica de grande categoria e de toda a respeitabilidade" (Doc. 1938), que foi indeferido, justificava-se, diante da "intenção do Comissariado pedir à requerente para dedicar ao ensino da Educação Física na MPFP um número maior de horas do que aquele que vem referido no contrato, serviço que deverá ter remuneração determinada a estabelecer" entre a MPF e a requerente.

Apesar disso, não deixaria de manifestar, mais tarde, o seu descontentamento perante as responsabilidades que assumia na formação de futuras formadoras, a dedicação a um serviço que impunha deslocações constantes pelo país, e a desvantagem sentida "na suposição de me encontrar em situação de manifesta inferioridade" (Doc. 1938) perante outras profissionais. Assim, apresentava, em Outubro de 57, os "protestos de superior consideração" diante das horas de serviço realizadas e o desfasamento do pagamento dos seus serviços perante as vantagens auferidas, em termos comparativos, quanto a horas de serviço, e ausência de outras obrigações, inerentes ao trabalho das professoras de Ginástica do Liceu.

Contratempos estes que, entretanto, não interferiam no seu trabalho, nem, tão pouco, na sua participação ao nível da construção do INEF, delineada com antecedência. Um projecto ao qual se dedicava, configurando planos e actividades, iniciativas e práticas até então jamais esboçadas no país e, ainda menos, no domínio das actividades físicas das jovens portuguesas. A sua direcção, no quadro de formação das instrutoras da MPF, obrigava a uma deslocação regular por todo o país, ao apoio, à preparação, à verificação e à avaliação do trabalho desenrolado em cada região e em cada centro de funcionamento da MPF. Uma actuação que se

desenrolava num quadro geográfico e social onde a iniciativa feminina, no âmbito da tomada de decisões, da assunção de responsabilidades e do exercício sem hesitação da capacidade de comando, estava longe de ser um facto generalizado. Enquanto isso, as suas actividades estendiam-se às cadeiras ministradas, com vigor, no INEF. Aí inseria, a par das matérias teóricas, e como práticas regulares e matéria curricular, os jogos (em que se incluíam, desde a segunda metade dos anos 50, Campeonatos de Basquet; Voley; Badmington), as danças regionais, as saídas para o exterior da escola e da cidade, (em sucessivos acampamentos, duas vezes por ano, na Fonte da Telha, na Costa da Caparica e em Fátima, por exemplo, e em acantonamentos, uma vez por ano, na Serra da Estrela ou Areia Branca, por exemplo, através dos quais promovia a busca de um contacto directo com a natureza, a possibilidade de conformar as jovens segundo outros códigos de conduta marcados pela utilidade e a simplicidade, por outras regras e por outros imperativos, por formas de actuação mais de acordo com o natural, experiências propícias ao gizar doutros comportamentos, que visavam a aquisição e o fortalecimento de atitudes forjadas na vivência e no confronto dos verdadeiros obstáculos. Experiências a partir das quais se reforçavam, também, os laços de uma socialização e de uma sociabilidade indispensáveis ao desenrolar seguro de actividades profissionais futuras.

A ginástica sueca: a bem da nação.

A escolha da Ginástica Sueca como o método mais adequado à transformação e ao apuramento da condição física da população portuguesa, opção delineada desde havia algumas décadas, quer no seio da sociedade portuguesa, quer no seio das linhas oficiais do ensino, (atenda-se ao Regulamento Oficial de Educação Física, de 1920) seria materializada — com eficácia e consistência — apenas a partir da institucionalização no país de um único estabelecimento de formação de professores de elevado valor técnico, pedagógico e científico.

A criação, a 23 de Janeiro de 1940, do Instituto Nacional de Educação Física (INEF), destinava-se “a estimular e orientar, dentro da missão cooperadora do Estado com a família, e no plano da Educação integral estabelecido pela Constituição, o revigoramento físico da população portuguesa, mediante o estudo científico do problema nos aspectos individual e social, e a formação dos agentes do respectivo ensino tanto oficial como particular, em regime de separação de sexo.” (INEF, s. d.).

Até aí, com efeito, a transmissão desta forma de actividade física havia sido dominada pela dispersão e pela heterogeneidade. As práticas conduzidas por aqueles que se dedicavam ao seu ensino, eram traduzidas em diferentes interpretações e em diferentes formas de aplicação, e de entendimento, do método sueco. Este facto, associado às dificuldades do Estado em estruturar um plano de Educação Física adequado à realidade nacional e às suas múltiplas carências, havia deixado o ensino desta prática entregue a ginastas experientes, atletas de renome,

médicos familiarizados com a sua prática e interessados no estudo dos efeitos da ginástica, perante a obtenção dos benefícios verificados no plano da higiene e da valorização da saúde, e militares do exército e da marinha com experiência pessoal e, também, com prática na sua aplicação enquanto instrumento de comando, de disciplina e de preparação de mancebos e de futuros elementos do universo militar. Ou seja, a grande maioria daqueles que assegurava a transmissão da ginástica no país, possuía um conhecimento empírico da técnica, desconhecia princípios, métodos e técnicas assentes em conhecimentos estruturados em bases pedagógicas, científicas e técnicas, justificadas pelo estudo aprofundado da ginástica, dos seus efeitos, e das possibilidades que esta oferecia na formação global do indivíduo.

A situação observada, diante dos objectivos de normalização e de uniformização do seu ensino, tendo em vista a formação de “um homem novo” (*sic*), acentuava a necessidade sentida pelo Estado em proceder à sua estruturação e à sua transmissão de uma forma homogénea, quer no plano metodológico e científico, quer no plano político e ideológico.

Décadas antes, a visita de estudo efectuada à Suécia, em 1905, pelo professor António Pinto Martins, enviado pelo Governo para estudar a aplicação da ginástica sueca às escolas militares e civis (*Tiro e Sport*, 1906), constitui o primeiro indicador do interesse do Estado pelo método de ginástica sueca. Outras deslocações, efectuadas anos mais tarde, quer a título oficial, quer a título privado, respectivamente por António Leal de Oliveira (Oliveira, s. d) e por Celestino Marques Pereira (Pereira, 1939), sublinhavam a orientação seguida, durante anos — a procura de um conhecimento eficaz que assegurasse a transformação da condição física nacional, a atenção orientada para o norte. As vantagens do método sueco de ginástica justificavam-se pela sua fundamentação científica, baseada no estudo da anatomia e da fisiologia, na mecânica do movimento e, também, na imagem de saúde e de vigor observada entre todos aqueles que, nas escolas e nos centros militares, a exerciam. A verticalização dos corpos, o aprumo, o domínio perfeito, e cadenciado, de séries sucessivas de exercícios encadeados, a sequência rígida e correcta simultânea de ginastas em uniformização perfeita, sugeriam um terreno onde se evidenciava a disciplina e a ordem, destacava o valor colectivo da sua aplicação, o sentido de cooperação, a elevada atitude ética, a que o vestuário branco e limpo acentuava a imagem da pureza física e moral, a posição correcta.

Para a compreensão do método alguns princípios constituíam verdadeiras linhas fundamentais no desenvolvimento de todo o trabalho, e esses eram reproduzidos de forma clara desde o relatório efectuado por António Pinto Martins:

- 1.º O exercício mais simples e mais fácil, n'este caso é tão valioso como o mais difícil e complicado. É pois evidente que sempre se deve começar pelo mais simples.
- 2.º Pela escolha de movimentos adequados, temos em mira conseguir o correcto desenvolvimento do corpo humano; eis o alvo da gymnastica. Correctamente desenvolvido, considera-se o corpo quando todas as suas partes estão em completa harmonia entre si, tanto quanto o permittir a disposição natural de cada pessoa.
- 3.º Pelo relaxamento dos exercícios phisicos as disposições naturais atrophiam-se.
- 4.º Os exercícios incorrectos podem tornar-se prejudiciais. Começando pelas fórmulas

mais simples do exercício pode-se progredir passo a passo, sem inconveniente algum, até aos mais difíceis movimentos (*Tiro e Sport*, 1906).

A máxima simplicidade apontava-se como uma característica a preservar, constituía uma exigência. E afirmava-se: “para Ling o corpo é o objecto do desenvolvimento e o principal instrumento d’esse mesmo desenvolvimento” (*Tiro e Sport*, 1906). A aplicação da ginástica, de acordo com o método em questão, estava longe, na verdade, de centrar uma atenção exclusiva no corpo, razão pela qual se acrescentava: “A ginástica sueca não visa apenas o desenvolvimento muscular. Os músculos e seus ligamentos são os instrumentos que constantemente trabalham durante o exercício, mas só por si nada podem fazer, e só operam debaixo da influência nervosa. É claro pois que o desenvolvimento de um *systema nervoso*, egual, tranquilo, dominador de todo o corpo deve ser um dos fins principaes da *gymnastica*” (*Tiro e Sport*, 1906).

Na linha apontada, a racionalização traduzia-se, na prática, em uma minuciosa classificação e organização dos movimentos, representava um avanço fundamental. Além do mais, o perfeito conhecimento da anatomia e da fisiologia permitia a aplicação segura do método e o conhecimento prévio do efeito provocado, bem como a sua localização, motivo que justificava a execução segundo uma ordem precisa, desde o mais simples até ao mais complexo, de acordo com uma progressão da intensidade, traduzida na graduação dos exercícios, e na complexidade de que se revestiam. A definição da *posição inicial* permitia a fixação correcta de um conjunto de músculos, a partir da qual se procedia à progressiva intervenção doutros, cada lição aumentava de intensidade até um determinado limiar para, em seguida, decrescer até ao final, *o retorno à calma*, pelo qual se restabeleciam os ritmos normais da respiração e da circulação, evitavam-se quaisquer manifestações de fadiga, conforme se constatava pela seguinte afirmação: “Ao terminá-la os alumnos teem a sua circulação normalisada, não se sentem extenuados, nem sequer fatigados, pelo contrário sentem-se bem dispostos e com maior liberdade de movimentos” (*Tiro e Sport*, 1906). A concluir, as considerações efectuadas sublinhavam o facto de “o methodo de Ling ser um methodo rigorosamente scientifico e completamente estudado por médicos, que o aconselham como o unico capaz de produzir o effeito desejado do rejuvenescimento das raças” (*Tiro e Sport*, 1906). Estes aspectos eram registados pelo enviado oficial que destacava ainda, no relatório elaborado, o carácter obrigatório da ginástica em todos os estabelecimentos, desde a idade dos sete anos de idade, isto é, para todas as crianças de ambos os sexos.

De passagem por Copenhaga, de 1799 a 1804, Per Henrik Ling (1776-1839) contactava o ginásio (Philantropinum) aí criado por Nachteggall (1777-1847), antigo aluno de Gutmuths (1759-1839), e verificava a possibilidade de considerar os exercícios físicos de forma metódica. Na base do seu método estão, essencialmente, princípios básicos de orientação (filosófica, teórica e científica) a saber, a) o facto do movimento não dever ser considerado, em si mesmo, mas, antes, pela acção que ele tem sobre o corpo humano; b) o facto de a ginástica ter por finalidade assegurar a conservação fácil e habitual de uma atitude favorável ao bom desenvolvimento e

ao bom funcionamento orgânico; c) o facto de a ginástica dever progredir de modo a acompanhar as ciências sobre as quais ela se apoia (anatomia e fisiologia).

Com base nestes princípios, P. H. Ling concebe um método de ginástica composto de movimentos artificiais, racionais, analíticos, simples, localizados, universalmente aplicados a todos, executados com o maior cuidado desde uma posição definida, até uma posição definida, e com um fim preciso. A ginástica era estruturada de acordo com quatro formas: pedagógica, militar, médica e estética.

Ingrid de Figueiredo (Fröken), o outro corpo e a Ginástica Sueca

A Lição de Sapiência — *Ginástica Feminina; a sua Evolução* — marcava a Abertura Solene do Ano Lectivo de 1966, proferida por Ingrid de Figueiredo (Ingrid de Figueiredo, 1966, n/publ.). A destacar, desde o início, o sentido vincadamente pedagógico da ginástica e a sua inspiração na ginástica grega, referia-se ao facto de os gregos pensarem o ideal da educação a partir de um triângulo equilátero no qual a base era constituída pela dimensão física e os dois lados pela alma e o intelecto. A imagem servia para sublinhar o facto da actuação a partir do físico poder chegar a influenciar os dois outros lados do triângulo. E, também, o facto de a atenção dedicada a apenas um destes aspectos trazer consigo desequilíbrio, o que traduzia a não observância das leis da natureza. Princípio fundamental de toda a educação antiga, obrigava ao respeito da totalidade do ser humano, a importância de não se centrar a atenção no mero desenvolvimento do físico mas, antes, de utilizar essa base como ponto de partida para aceder ao aperfeiçoamento doutras dimensões.

A consideração deste princípio grego inseria no fulcro da Lição a nítida orientação seguida, bem como a finalidade da Educação Física como um conjunto de princípios, de métodos e de técnicas utilizados tendo como objectivo “melhorar e manter a saúde; ajudar o indivíduo a ganhar um equilíbrio físico-psíquico que lhe permita encarar a vida com coragem e lealdade; ser uma fonte de alegria sã”. As diferentes fases de desenvolvimento da jovem, distintas das dos jovens desde a adolescência, seriam uma referência a partir da qual eram estruturados os programas, as actividades propostas. A escolha do tema, para a Lição proferida, constituía uma ocasião privilegiada de realçar a importância da ginástica feminina, um ramo específico da ginástica, e as sucessivas contribuições efectuadas nesse domínio por vários especialistas nórdicos (como Elli Falk, Elli Björkstén, Maya Carlquist), alemães (A. Spiess; Bess Mesendick; Lindt Martens; Rudolf Bode; R. Laban), franceses (Emil Jacques Dalcroze), eslovaco-hungaros (H. Medau), professores e coreógrafos reunidos, na história da educação física, e pela contribuição original que introduziram na ginástica feminina, sob a designação de “os movimentos rítmicos”.

Que contribuição? Para a entendermos, teremos de nos demorar um pouco sobre as características do método sueco, elementos que nos permitem compreender o seu valor social em uma sociedade marcada pelo enfraquecimento e por um profundo desconhecimento do próprio corpo. No final do século XX, a

consideração do método sueco, o método obrigatório em Portugal, não poderá continuar a ser considerado, como o foi no passado, desinserido de uma realidade social preocupante para a qual a ginástica e a educação física constituíram um instrumento fundamental de regeneração, de fortalecimento, de construção do corpo e do carácter. O que poderemos descobrir na estruturação elaborada? O que é que esta denunciava dos corpos e dos indivíduos, para cuja transformação inevitável era especialmente concebida? E de que modo “os movimentos rítmicos” introduzem, mais tarde, aperfeiçoamentos, acentuam aspectos pouco desenvolvidos, transformações? Ou, pelo contrário, promovem a autonomia procurada, segundo outras formas, agora, menos rígidas e, por isso, de aparência mais livre? Como se a ginástica sueca houvesse cumprido com as finalidades fundamentais para as quais fora concebida, num dado tempo, num dado espaço, realidade essencialmente social, sendo possível, a partir daí, a intervenção de formas múltiplas de ritmos, de acções, de intenções.

A sistematização inicial do método sueco impunha uma classificação artificial (mecânica) dos movimentos, baseada em esquemas de dez grupos de exercícios: de pernas; de extensão dorsal, de suspensão, de equilíbrio, dorsais, abdominais, laterais, de suspensão, de saltos, e respiratórios, no qual se incluíam mais tarde, a marcha e a corrida.

A estruturação elaborada, nos inícios do século XIX, segundo uma classificação de acordo com os movimentos e os grupos musculares de cada parte do corpo, sublinhava a ausência de conhecimento preciso do corpo enquanto estrutura formada por vários membros e por várias formas de movimento. Daí, a aparência de rigidez, que vai sendo cada vez mais acentuada, isto é, evidente, na disposição dos movimentos e dos diversos exercícios concebidos em função da posição inicial — em sentido, sentado, de joelhos, deitado dorsal e deitado facial — da qual se desprendiam, com um carácter linear, susceptível de permitir a definição e perfeita integração de uma imagem do corpo favorável à experiência adequada do esquema corporal, observada a partir da capacidade desenvolvida de realizar correctamente cada movimento e, progressivamente, as sequências, de dificuldade crescente, dos movimentos.

Perante os receios quanto ao enfraquecimento generalizado, observava-se que a imagem de um corpo marcado pela debilidade e pela fraqueza era reforçada no caso feminino. Isto é, a uma fraqueza real acentuada pela imobilidade, as doenças, os tabus, e os excessos de várias ordens cometidos no decurso do desenvolvimento da jovem mulher (o espartilho, o vinagre, a dieta), as práticas e as representações associadas ao corpo da mulher vincavam a debilidade, a ausência de energias e de uma vontade a estas associadas, que retiravam à mulher, na maioria dos casos, um conhecimento das suas reais capacidades, das diferentes formas de sentir, das diferentes maneiras de explorar o seu corpo, particularmente em actos que implicassem a intervenção de vários grupos musculares, de grande amplitude, de mais pronunciada complexidade e de superior evidência, isto é, em plena acção, situações propícias à experiência e ao colocar à prova o seu corpo. De colocar-se à prova. Contribuindo, desse modo, para acentuar — no domínio simbólico — uma fraqueza que, em muitos casos, estava longe de

ser real, como se verificava no desenrolar progressivo do trabalho nas lições de ginástica.

Formaturas (Programa de Ginástica Escolar. MPF. Ensino Liceal e Técnico. s. d.), (em coluna, em fileira, em círculo, em xadrez, em cunha), conversões, serviam como forma de iniciação do trabalho, para o conhecimento preciso da posição, do lugar e do deslocamento no espaço. Marchas, corridas, passos, afundos, elevações, extensões, flexões, inclinações, saltitar, oscilações, rotações, circunvoluções, torções, trepar (afastamento, batimento, alternadamente) a queda facial, permitiam a aprendizagem do corpo em movimento, em deslocação pelo espaço.

A utilização da terminologia geométrica, corrente na arte e na medicina, quanto aos planos dos diferentes segmentos do corpo (frontal, lateral, antero-posterior, oblíqua, angular, anterior, superior, inferior) permitia a sua abordagem “técnica”, “distanciada”, “fria”, (atenda-se à igualdade que deveria ser observada, entre os grupos masculinos e femininos, da ginástica nas idades mais baixas), capaz de salvaguardar eventuais receios de invasão doutros campos sensíveis. Os aparelhos: espaldar, trave, banco, cordas, quadro, plinto, constituíam outros níveis de aplicação da ginástica, graus de solicitação de atenção, de coordenação e de dificuldade superiores.

Se a ginástica de características pedagógicas assegurava uma base sólida de conhecimento e de domínio do corpo, as danças regionais, estudadas em cada ano e acompanhadas de um rigoroso levantamento efectuado com o apoio do pároco de cada aldeia onde era recolhida, bem como o traje correspondente, peças antigas de cada região a partir das quais se procedia à sua reprodução, permitiam a introdução e a descoberta doutras realidades, susceptíveis de uma forma de aplicação educativa, doutros movimentos, e, ainda, a intervenção da música. A valorização de elementos da cultura de cada região do país (Beiras, Minho, Douro, etc.), introduzidas a partir de uma disciplina curricular, permita, além do conhecimento da dança em si, a atenção a outros elementos de interesse, a outros factores de valor, traços como, por exemplo, a expressão.

Nesta linha, assistia-se de modo progressivo à possibilidade de intervenção significativa de “os movimentos rítmicos”, influência que tornava possível pensar o movimento em outros termos, marcados pelas preocupações de um quotidiano vivido com autonomia, com a influência da estética e da música na exploração do movimento, na capacidade e na possibilidade de esboçar outros modos de fazer, a harmonização, a flexibilização, a utilização de aparelhos como as massas, as bolas, as fitas, as cordas, e os arcos, de experimentar e de explorar outras sequências, segundo outras ordens de sensibilidade, de acordo com outras ordens do pensar.

Elli Björkstén, Maya Carlquist e H. Medau, como tantos outros, procuravam a suavização dos movimentos conhecidos, procuravam a partir do quotidiano local, das tarefas correntes, das festas e dos elementos acrobáticos efectuados nos circos, nas formas de viver e nos ritos das culturas africanas e índias, novas formas de movimento, fontes de inspiração que permitiriam recuperar os movimentos e os modos de sentir que se acreditavam originais, mais de acordo com uma forma de sentir anterior à rigidez e à verticalização inerentes às exigências mais acentuadas da civilização.

Conclusões

(0) A orientação nacionalista marcada pelo Estado Novo, e inscrita nos corpos dos portugueses, é associada, em geral, ao método sueco de ginástica. Um facto que confunde os princípios, os métodos e as técnicas originais, e as formas e os objectivos com que foi adoptada e desenvolvida em Portugal, em especial, na ginástica feminina, sob a orientação de uma professora sueca (Ingrid de Figueiredo, a Fröken) especialmente contratada para criar e fomentar as condições de desenvolvimento da sua prática entre as jovens portuguesas. De acordo com a sua actuação, assinala-se uma acentuada valorização da cultura da nação que a acolhia, o estudo e o levantamento dos seus diferentes aspectos ligados, em particular, ao movimento, em todo o país e a partir do trabalho realizado pelas alunas provenientes de todas as partes do território nacional. Ao mesmo tempo, longe de se verificar o encerrar da prática à cristalização de um método, anota-se a sua busca de actualização, quer pela participação regular em congressos internacionais onde se apresentavam e discutiam os avanços da ginástica, como pelo convite e a abertura, através de cursos de Verão, de propostas inovadoras e oriundas de especialistas de renome internacional, de professores estrangeiros (Mónica Beckman, H. Medau, Cristina Poltrago, por exemplo). As diferentes expressões culturais, próprias das nações a que pertenciam, ou das que se estudavam em busca de um conhecimento diferente do corpo e do movimento, acentuam as relações entre o corpo e os valores mais profundos de uma cultura genuína.

(1) A utilização da ginástica sueca no nosso país não pode deixar de ser associada aos imperativos políticos que assinalaram a sua adopção e a sua difusão oficial. O conhecimento das preocupações em que esta se havia estruturado, quanto ao respeito pelo indivíduo, como pelos valores de uma realidade cultural e social em verdadeira crise, tanto no país de origem como em Portugal, permitem, no entanto, e de acordo com as exigências a observar no tratamento distanciado dos problemas de ordem cultural e social, considerar a utilização do método a partir do contexto em que foi elaborado e procurar aceder à compreensão da realidade corporal — em especial a feminina — de que, com o passar dos anos e a transformação qualitativa verificada, se destaca, acima de tudo, o esquecimento.

(2) A ginástica sueca constituiu um instrumento de normalização dos corpos, em Portugal, no decurso do século XX. As transformações inseridas na ginástica e na sua aplicação constante, ao longo de quatro décadas, permitiram, em particular, no caso da ginástica feminina, a construção de outro corpo. Não apenas um corpo diferente do que existia, do qual se encontrava, no geral, ausente a experiência de actividades físicas, submetido ao silêncio e à passividade, quando não à doença, à fraqueza e às deformidades. Mas, acima de tudo, de um corpo expressão e veículo de uma vontade, isto é, daquilo que é, de facto, a qualidade da autonomia do indivíduo. As dificuldades iniciais na selecção de jovens portuguesas, em número e em capacidade (física e intelectual) adequadas às transformações indispensáveis de

uma parte da população portuguesa, eram ultrapassadas através da formação de jovens profissionais em que a capacidade de exercerem um ofício se revelava, surgia aliada a um interesse e a uma consciência profunda do valor da sua intervenção. Quer na perspectiva individual, enquanto instrumento de autêntica emancipação, quer na perspectiva social e política, pela dinamização de capacidades ignoradas, de desenvolvimento da consciência quanto a um enriquecimento a partir de valores singulares e da sua transmissão, sob a forma de jogo e de divertimento, onde estava sedimentada a cultura mais profunda, a preservar.

Referências bibliográficas e fontes

- Blacking, John (org.) (1977), *The Anthropology of the Body*, Londres, Academic Press.
- Crespo, Jorge (1990), *A História do Corpo*, Lisboa, Ed. Difel.
- Dolto, Françoise (1984), *L'Image Inconsciente du Corps*, Paris, Ed. Seuil.
- Figueiredo, Ingrid de (1938/1981), Conjunto de documentos, não publicados, facultados relativos à sua actividade profissional.
- Godinho, Vitorino Magalhães (1980), *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Lisboa, Ed. Arcádia.
- Hall, Edward T. (1984), *La Danse de la Vie. Temps Culturel, Temps Vécu*, Paris, Éd. du Seuil.
- Hall, Edward T. (1971), *La Dimension Cachée*, Paris, Éd. du Seuil.
- Hasse, Manuela (1999), *O Divertimento do Corpo. Corpo, Lazer e Desporto, na Transição do Séc. XIX para o Séc. XX em Portugal*, Lisboa, Ed. Temática.
- Legrand, Fabienne; Ladegaillerie, Jean (1970), *L'Éducation Physique au XXe et au XXIe Siècle*, 2 Vols., Paris, Armand Colin-Bourrelie.
- Nash, Mary (org.) *Presencia y Protagonismo. Aspectos de la Historia de la Mujer*, Barcelona, Ediciones del Serbal.
- Oliveira, António Leal de (s. d.), *Relatório de uma Viagem de Estudo à Suécia*, Lisboa, dactilografado.
- Pereira, Celestino Feliciano Marques (1939), *A Educação Física na Suécia e Dinamarca e Contribuições para o seu Estudo em Portugal*, Relatório—Extractos, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.
- Pereira, Celestino Feliciano Marques (s. d.), *Tratado de Educação Física. Problema Pedagógico e Histórico*, Lisboa, Oficinas Gráficas de Bertrand (Irmãos), Lda.
- Perrot, Michelle (org.) (1984), *Une histoire des Femmes est-elle Possible?* Paris, Ed. Rivages.
- Perrot, Michelle (1998), *Les Femmes ou les Silences de l'Histoire*, Paris, Éd. Flammarion.
- Poole, Roos (1999), *Nation and Identity*, Londres, Routledge.
- Rauch, André (1982), *Le Corps en Éducation Physique*, Paris, PUF.
- Tiro e Sport*, Lisboa, 1906.
- Teja, Angela (1995), *Educazione fisica al femminile*, Roma, Società Stampa Sportiva.

Manuela Hasse é Licenciada em Educação Física pelo ISEF (1976/81), doutorada em Ciências da Motricidade, em 1994, com a defesa da dissertação *O Divertimento do Corpo. Corpo, Lazer e Desporto, na Transição do Séc. XIX para o Séc. XX*.

É actualmente docente da Faculdade de Motricidade Humana. Como investigadora, as suas preocupações e pesquisas são orientadas para os problemas do corpo, da cultura e do desporto.

Contacto: Mhasse@fmh.utl.pt.